

INSTITUTO  
Documentação  
SOCIOAMBIENTAL  
Fonte: fsp  
Data: 3/18/99 Pg 4-1 e 4-8  
Class.: Guató 22

# “500 almas” guatós ganham documentário

RUBENS VALENTE  
da Agência Folha,  
em Campo Grande

Atacados pelos bandeirantes paulistas no século 18, vítimas de doenças como gripe, tuberculose e varíola, os índios guatós, do Pantanal mato-grossense (Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), foram considerados extintos há 40 anos. Tiveram seu “atestado de óbito” passado pelo antropólogo Darcy Ribeiro, em seu livro “Culturas e Línguas Indígenas do Brasil” (1957), o que hoje é considerado um grande erro da antropologia brasileira.

Duas décadas depois, os guatós não só foram redescobertos —por uma irmã salesiana— morando em bairros pobres de Corumbá (MS), como ainda conseguiram, após uma longa disputa judicial, a posse de parte de seu território tradicional, a ilha de Ínsua, isolada no Pantanal.

A história desses índios é o tema de um documentário em longa-metragem, “500 Almas”, dirigido pelo cineasta sul-mato-grossense Joel Pizzini, 38.

A direção de fotografia é do veterano Mário Carneiro, que trabalhou com Glauber Rocha no documentário “Di”, sobre o pintor Di Cavalcanti.

Cerca de 70% das imagens do

## Filme narra história de índios tidos como extintos e que vivem na região do Pantanal

filme, produzido pela Grifa Cinematográfica, a mesma de “Três Chapadas e um Balão”, já foram feitas, em Corumbá (MS) e na ilha de Ínsua. Resta fazer as tomadas no Museu Etnográfico de Berlim, uma parte ficcional em São Paulo e cenas com o poeta Manoel de Barros, que faz menção aos guatós em alguns de seus livros.

Apesar da dramaticidade da história, quem esperar por um documentário puramente de “denúncia” pode se decepcionar. Pizzini, autor de curtas que tiveram boa carreira em festivais nacionais e internacionais (“Enigma de Um Dia” foi o melhor curta no Festival de Gramado de 96), optou por fazer um filme .temporal, centrando seu foco na relação dos guatós com a natureza, mas sem deixar de tocar nos aspectos mais cruciais da trajetória dos índios, como a morte de um de seus líderes, nos anos 70, e a

dispersão da etnia pelo Pantanal.

### Canoeiros nômades

Pizzini procura imprimir ao filme o que ele chama de “etno-poesia”. “Eu me interesso pelo modo de vida do guató e sua relação com o Pantanal”, disse o cineasta.

A água será um ponto importante no filme. Os guatós eram conhecidos como “canoeiros”. Nômades, eles transitavam por todo o Pantanal, principalmente nos rios Paraguai e São Lourenço. Tinham também habitações em locais específicos, onde viviam em núcleos familiares durante alguns meses do ano.

Pizzini se inspirou nos rios do Pantanal para formular a própria estrutura do filme, descrita como “um fluxo contínuo de sequências entrecortadas por ilhas”.

“A ilha é um nó que amarra momentaneamente o fluxo e representa os locais de disputa e conflito”, descreve o cineasta. Os fluxos



Conhecidos por “canoeiros”, os guatós (na foto, em ação) são tema de longa de Joel Pizzini (no detalhe)

serão uma sequência de acontecimentos ou “desacontecimentos”, como mostrar os índios fazendo suas tarefas diárias.

Outro elemento da cultura guató que deve ser destacado por Pizzini é a língua, “quase musical”. Segundo o último censo da Funai, de 1987, existem oficialmente 700 índios guatós no Mato Grosso do Sul. Desses, foram localizados pouco mais de 20 que ainda falam a língua. “Pretendo mapear os

vestígios que atestam o valor dessa cultura”, disse o cineasta.

Os índios guatós povoam o imaginário de Pizzini, a sua “arqueologia afetiva”, como ele chama, desde a infância. A história dos índios canoeiros que habitavam os pantanais soava a ele quase como uma lenda. Mesmo depois de serem redescobertos, em 1976, pela irmã salesiana Ada Gambarotto, os índios ainda pareciam a Pizzini “uma imagem vaga, intangível”.

“Talvez meu interesse por essa cultura passe primeiro pelo enigma da memória. Intrigava-me algo que era dado como desaparecido e de repente ressurgia. Passa também pela necessidade de perseguir indícios de uma identidade e pelo fascínio de uma cultura longínqua, conhecida por reger os mistérios da água”, disse Pizzini.

→ LEIA MAIS sobre os índios guatós à pág. 4-8

Fotos Divulgação



Documentação

Font: FSP

Data: 31/8/99 Pg 4-8

Class: 22 (com. 4.)

DESCOBERTA Primeiro registro histórico foi feito por espanhol em 1543

# Guatós vivem no Pantanal há mil anos, revela teste

da Agência Folha, em Campo Grande

Um teste laboratorial feito nos Estados Unidos em restos de cerâmica e alimentos encontrados no morro de Caracará, em Pocrané (MT), revelou que os índios guatós habitavam o Pantanal desde antes do século 11.

O arqueólogo Jorge Eremites de Oliveira, do Centro Universitário Federal de Mato Grosso do Sul em Dourados (Ceud), que participou do recolhimento dos restos, junto com pesquisadores americanos, disse que a datação, feita por carbono 14, é a mais antiga em relação aos guatós.

Oliveira, autor do livro "Guató: Argonautas do Pantanal" (1996), é responsável por uma descoberta que deverá fazer mudar o mapa oficial da Funai (Fundação Nacional do Índio): ele encontrou, no mesmo morro de Caracará (MT), quatro índios guatós que disseram viver ali há décadas. A Funai só registra a presença de guatós no Mato Grosso do Sul.

Os quatro guatós desgarrados também deverão aparecer no documentário "500 Almas", no qual Eremites trabalhou como consultor arqueológico.

O primeiro registro conhecido dos guatós é do conquistador espanhol Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, em 1543. Em seus "Comentários", Cabeza de Vaca se refere aos guatós como "guatás", palavra que ouviu dos guaranis que o acompanhavam e significa algo como "aqueles que se movem".

Desde então os espanhóis entraram no Pantanal pelo rio Paraguai com índios guaranis escravizados de Assunção. Segundo Oliveira, os guatós eram inimigos históricos dos guaranis, e a chegada dos espanhóis acirrou o conflito.

No início do século 18, com a exploração de minas de ouro pelos bandeirantes paulistas onde hoje está Cuiabá, capital de Mato Grosso, houve uma nova onda de ataques aos guatós.

Oliveira disse que há registros históricos de que os guatós morreram "às centenas", pelas mãos dos bandeirantes e de doenças como gripe, tuberculose e sarampo.

Nesse período, outros povos do Pantanal, como os paiaguás e os guaxarapos, não resistiram ao avanço dos bandeirantes e conquistadores de origem ibérica e acabaram exterminados.

No início do século 20, o antropólogo alemão Max Schimidt fez os primeiros estudos arqueológicos sobre os guatós, recolhendo peças de cerâmica que hoje estão no Museu Etnológico de Berlim.

A linguista brasileira Adair Pimentel Palácio fez os estudos linguísticos mais conhecidos sobre a língua guató nos anos 70 e 80.

Para Eremites, o antropólogo Darcy Ribeiro errou ao considerar os guatós extintos porque não realizou pesquisas de campo, confiando só em dados do antigo Serviço de Proteção ao Índio.

O erro, segundo ele, provocou "enorme e terrível impacto negativo sobre os guatós, porque o Estado oficializou-os como extintos e omitiu-se de qualquer ação que pudesse beneficiá-los".

Só em 1976 a irmã salesiana Ada Gambarotto "reencontrou" os índios, de uma maneira prosaica.

Ela comprava artesanato indígena em Corumbá (MS) quando reparou em uma peça cuja cultura desconhecia. Quis saber quem a tinha feito e recebeu o endereço da que seria identificada como uma guató morando num bairro pobre da cidade. A índia lhe apresentou outros membros da etnia.



Índios da etnia guató em registro do começo do século 20

Divulgação